
RICHTER REIMER, Ivoni. *Compaixão, cruz e esperança: teologia de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2012. 223p. (Coleção Bíblia em comunidade. Série teologias bíblicas, 11).

‘Compaixão, cruz e esperança’ é a segunda contribuição de Ivoni Richter Reimer à Coleção Bíblia em Comunidade, série ‘Teologias bíblicas’ das Edições Paulinas. A primeira foi ‘Grava-me como selo sobre o teu coração’ (2005). A autora é teóloga, pastora luterana, pós-doutora atuante na docência acadêmica (PUC-GO), com várias publicações relevantes nas áreas contextuais neotestamentárias, relações de gênero, teologia feminista e ecologia. Conheço-a não de ouvir falar – orientações seguras que dela recebi em dois níveis de pós-graduação me fizeram conhecer, respeitar e admirar a sua capacidade acadêmica.

O formato gráfico de ‘Compaixão, cruz e esperança’ segue o padrão da série. O tamanho 13,5x20cm dá a sensação ao leitor de rápida fluidez na leitura. A ilustração da capa traz uma mensagem teológica: o povo carrega a cruz (vazia) de Jesus, que passa a ser a sua própria. Grandes notas de rodapé são mantidas adequadamente na mesma página (p. 100, 127, 131, 137, 190, 198) e outras estão divididas em duas páginas (p. 17-18, 20-21, 28-29, 45-46, 52-53, 160-161), algo facilmente contornável em futuras edições.

O livro está organizado com a seguinte disposição: Introdução, seguida de quatro capítulos com tons introdutórios. Depois, três capítulos formam uma Primeira parte, destacando o ministério de Jesus na Galileia (Mc 1,14-8,21); mais quatro capítulos formam a Segunda parte, com ênfase em Jesus a caminho de Jerusalém (Mc 8,22-16,8). ‘Para continuar a caminhada...’ (p. 215-216) não é exatamente uma conclusão, senão uma provocação da autora para que o leitor continue a reflexão na perspectiva por ela proposta. A Bibliografia não almeja contemplar a amplitude dos estudos críticos do Evangelho de Marcos; está direcionada para a perspectiva de libertação que a compaixão, a cruz e a esperança provocam. Nos três blocos (Introdução, Primeira parte

e Segunda parte), além do coerente e harmônico argumento em torno dos dinâmicos relacionamentos comunitários, salta aos olhos a criatividade na concepção da estrutura proposta para o entendimento da teologia de Marcos. É o que passamos a considerar.

Conquanto a introdução contemple as comuns exigências editoriais de apresentação de um resumo da obra (p. 13-16), o aspecto introdutório que se sobressai é proposta para que olhemos o Evangelho de Marcos e o consideremos com sendo uma dádiva dinâmica: trata-se de um presente – um presente que pode ser aberto diariamente, pois é Boa-nova, notícia de alegria; por tal, é um presente que quer ser recebido, aberto, acolhido, compreendido e vivido (p. 11-12). Esse presente “consegue, ainda hoje, falar para nós, nossas vidas, dificuldades, alegrias e desafios. É presente para nós” (p. 13). Ou seja, a proposta não é a de um comentário crítico de Marcos, mas uma perspectiva socioteológica, com apelo à reflexão pessoal. Tampouco se trata de algo com teor puramente acadêmico. Essa mencionada dinâmica surge a partir da prática pastoral da autora, do seu envolvimento com homens e mulheres que atentam para as dimensões práticas dos textos bíblicos.

Por isso a autora arquiteta a Primeira parte (capítulos cinco, seis e sete – Mc 1,14-8,21) didaticamente sob as diretrizes de três prioridades. A primeira: proclamar, ensinar, curar, confrontar (1,14-3,6 – p. 79-96); a segunda: adesão e rejeição a Jesus (3,7-6,6^a – p. 97-113); a terceira prioridade: atravessar e vencer o mar – Missão itinerante de Jesus e seu movimento (6,6b-8,21 – p. 115-143). Precisamos olhar essa arquitetura mais de perto. A primeira prioridade é centrada em Jesus: é ele quem proclama, ensina, cura e confronta. A segunda prioridade é centrada nos ouvintes: há crença no Evangelho de Deus pregado por Jesus, com adesão de muitos, ao mesmo tempo em que tantos outros rejeitam a mensagem. A terceira prioridade mostra o avanço de Jesus com os seus discípulos: seus obstáculos, curas e milagres, incompreensões. Jesus – o povo – Jesus e o povo. É assim que autora lê e convida seus leitores a juntos lerem Marcos. Jesus investe no ensino, mas a incompreensão permanece. Então Richter Reimer destaca o fato de Jesus considerar o seu grupo como sendo cego e surdo, esquecido e ignorante (p. 142), uma referência a Mc 8,17, comparando-o aos fariseus. A Primeira parte termina com uma aplicação pastoral: a comunidade atual também deve deixar que Jesus lhe abra os ouvidos, os olhos e coração (p. 143).

Exercitando novamente a sua criatividade, a autora propõe a Segunda parte (capítulos oito, nove, dez e onze) de sua arquitetura textual a partir da cura da cegueira. Se a cegueira espiritual requer um exercício mental para ser identificada, a cegueira física está ali, visível. O último capítulo da Primeira parte (capítulo sete) termina com Jesus denunciando a cegueira espiritual (p. 142-143). O primeiro

capítulo da Segunda parte (capítulo oito) começa e termina com Jesus curando a cegueira física (Mc 8,22-10,52 – p. 147-172). Essas curas se tornam, então, um símbolo palpável da necessidade de abertura dos olhos. Com a cegueira curada, é preciso renovar a fé e a esperança (Mc 11,1-13-37 – p. 173-190), pois o que está à frente é a Cruz (Mc 14,1-16,8 – p. 191-205). Com a cruz e a ressurreição se chega ao que Richter Reimer chama de “eventos fundamentais para a gênese e organização de comunidades originárias” (p. 191). É partir desses eventos que as comunidades passam a compreender e contar a história de Jesus e sua própria história. Sem entrar em maiores discussões a respeito das controvérsias de Mc 16,9-20 (p. 207-214), a autora se mantém fiel à perspectiva proposta: a importância da visão do Jesus ressurreto para as mulheres e para os Onze.

As reticências que seguem a expressão do tópico final (‘Para continuar a caminhada...’ – p. 215) sugerem e apontam para a continuação em nossa época do olhar de esperança que a cruz provoca, “vivenciando as realidades de Sexta-feira Santa, com os olhos fixos no Domingo de Páscoa” (p. 216). É uma não-conclusão mais do que adequada – é necessária. Ao propor em sua introdução a “abertura da visão na atualidade” (p. 16), Richter Reimer provoca-nos plenamente a mantermos olhos abertos com a sua obra.

Darlyson Feitosa
Doutor em Ciências da Religião
darlyson@uol.com.br